



á ha dias declarámos franca e sinceramente, que tínhamos reconsiderado, agora repetimos o mesmo, e affiançamos debaixo de nossa palavra, não nos lembramos de que . . . que somos os primeiros, e mais firmes amigos do

Estandarte Somos da sua opinião *O Estandarte*, e o seu santo, virtuoso, honrado, justo, sincero, e liberal redactor, são o nosso idolo. Prezamo-lo, veneramo-lo, e até o adoramos, porque vemos a sinceridade e verdade das suas expressões! A mudança de ministerio era uma necessidade, porque Portugal esteve quasi, quasi, a cair no barril do lixo por causa da má administração. A patuléa, queremos dizer os homens de *enchada*, *podão*, *alvião* e *fouce*, são os inimigos da liberdade.

Uma *enchada* é um simbolo republicano, porque com ella se fabrica a ultima morada do ministro, do general, do José Cabral e toda a sua familia, dos ladrões, dos trapeiros, dos ferros velhos etc. etc.; para todos se emprega o mesmo instrumento.

Uma *pedôa* é um ferro demagogo, com que se pôdam as vinhas e outras cousas; por consequencia é devastador e patuléa.

Um *alvião*, é um ferro revolucionario, com o auxilio do qual se arrancam as maiores pedras, e foi para (maior vergonha dos patulêas) com um *alvião* que se tiraram pedras do palacio d'Ajuda, para com ellas se fazer o edificio onde se decidiu a revolta contra os HONESTOS; por consequencia é um ferro estragador, e inimigo da solidez.

Uma *fouce* é um ferro dentado com que se corta verde para cavallos e burros, para ceifar e fazer immensas poucas vergonhas. E' com a *fouce* que o tempo hade cortar o pescoço ao José, Antonio, e João; isto é sem remissão. E' tambem um ferro devastador, pôr consequencia, demagogo e terrivel! Eram de certo estes projectis que iam cair sobre nossas cabeças innocentes! Não precisamos *enchadas*, *alviões*, *podões* e *fouces*. Queremos um ministerio *estandardista* e *salvador*, queremos o conde de Thomar, e queremos eleições *cabralistas* puras para salvacão das nossas almas. Tendo ministerio *cabralista* temos tudo o que precisamos, porque na agricultura, fonte das nossas riquezas, os Cabraes tem grande parte. São elles os primeiros em ceifar, por que em quanto estiveram no poder ceifaram tudo que lhes ficava diante dos olhos, podaram tudo que havia que nos fazia mal, mondaram o thesouro, e deixaram o em estado de se poder andar por elle tão facil-

mente como se anda hoje sobre o mosaico do Rocio, e as rodas de um caleche se suppre a falta de bois na debilha. Portugal estava tocando a meta da verdadeira felicidade. E' isto que se quer, e com a revolta os patulêas estavam de posse de tudo. Os patulêas eram generaes, juizes, administradores, etc.; com o movimento foram admittidos todos os moços de padeiros que eram patulêas. Os guardas da mata do Jardim Mythologico são tantos patulêas. Os agoadeiros do chafariz do Loreto são todos patulêas, e querem envenenar as agoas: em fim, até os sapateiros vendem já (sem licença do governo) sapatos aos patulêas! Que escandalo! Queremos uma revolta; o *Burlesco* está prompto, e sahe todas as quartas feiras e sabbados para proclamar a revolta contra patulêas, e para lhe mostrarmos a nossa dedicacão, offerecemos as nossas columnas para ueilas estamparmos os artigos que por acaso não possam caber no *Estandarte*, e conte com nosco para ajudar a derrubar os patulêas.



Por noticias chegadas no paquete, consta achar-se o conde de Thomar na Exposição de Londres. Esta noticia tem feito alli concorrer milhões de pessoas de todas as nações, que tem querido vêr esta peça, porque senão encontra outra igual em nenhum paiz.



formigueiro de Benfica cada dia está mais procurado. O formigão lá está, e muito contente. Tambem se diz que appareceu ha dias um santo, similhante ao santo Urbano, mas este tem carne e ossos, e é muito alto; mas mete medo como um papão. Teem-lhe feito romarias, e cantado a ladainha. Osromeiros vão todos com fé viva, e peanica firme e caridade ardente, muito contentes, e veem ainda mais. Quasi todos que lá vão, trazem para se divertir um *assobio*. Para maior penitencia, e ganhar indulgencias, vão vestidos exquisitamente. Vestem uma cõsa celebre de *panno azul*, e ao pescoço uma gonilha cor de rãbono, na cabeça um *solidão* com as mesmas côres, á cintura uma *correia afivelada*, e apertada ao ultimo ponto,

o ao lado esquerdo um ferro de 3 arráteis, sapatos grossos, etc. etc.



tornou pestilenta. Ora como a tal couve ficou muito á flôr da terra, grellou proxima-mente, e na noite de 10, ás 2 horas, enterraram-na novamente! Tudo são *couves*; e se ella crescer, de certo a cortam pelo pé para não rebentar. José falla tanto contra as *podões* e *fouces*, e os Josés de Campô d'Ourique pôdam as suas couves! Estes Josés são mesmo umas couves.



José fallou, e ladrou de um coxo seu conhecido que limpava relógios, mas não disse o nome. Esta historia de relógios limpos data do começo da fundação do reino de Thomar. Neste tempo havia um limpa relógios, tinha por nome um dos quatro doutores da igreja, por sobre nome, o de um homem que fugio para o Egypto, e pôr appellido uma arvore que dá um fructo saboroso e cumprido, assim semelhante á uma pera, e que é agora o seu tempo. Será este?

Correspondencia.

SRS. REDACTORES DO BURLESCO.



este Imperio 8 de Julho de 1851. — Estimo a sua saude, em compathia dos pequenos, etc. Queira dizer-nos se é verdade o que por cá se affiança.

Dizein que anda em Lisboa um homem *doulo furioso* e *damnado*, por não ter podido apanhar uma pasta, que se perdeu ha dias. O homem chama se José, tem oculos, e vive em uma cisterna, ou poço, em um largo de Lisboa. Se tal é, ou o homem é muito pobre ou muito doudo; por que morar em um poço e gaurir por não apanhar uma pasta, é loucura. Se fór esta a causa, nós lhe mandaremos de cá uma

pasta... veremos de que... mas que não venha para cá, por que ha um artigo na nossa lei, que prohibe a entrada no celeste Imperio a todos os que tem cara de ladrão; e em Portugal dizem que ha muitos, com especialidade na villa de Thomar.

Informe o seu amigo e leitor
Kay-fou-thy-am-ou.

P. S. Juntamente lhe envio um desenho que cá se fez, e dizem ser o retrato d'elle; assim V. poderá responder-me com mais certeza.

RESPOSTA.

M. Sr. Hay-fou-thy-am-ou. — Lisboa 10 de Julho de 1851. — Recebemos a sua carta com data de 8, que muito estimamos

etc. Quanto ao homem de que falla não conhecemos, nem temos noticia. E' verdade que no Poço Novo mora um homem, que tem oculos, mas esse homem não está doudo, não tem cara de ladrão, mas é... o sr. *Estandarte*, pessoa muito de bem, mano de um ministro, o maior inimigo dos ladrões pobres e pequenos. Chama-se José, não tem duvida, mas como todos os diabos se parecem, é possível um equivo co. Este é muito boa pessoa, nem quer pastas (por ora) por que se as quizesse tinha os livreiros de Lisboa ás suas ordens para lh'as venderem. Quanto ao retrato cá vai ser reproduzido com o titulo de — Um furioso.

Se effectivamente fôr verdade (o que

não sabemos) a quem servir a carapuça que a ponha. Mande-me dizer se esse José será um que lavou e limpou uns *conegos* de uma igrja do deserto de Pera. Se fôr elle, então tenho que lhe contar, porque esse effectivamente tem cara de ladrão, e cara de burro ao mesmo tempo. Responderei quando tiver carta sua; e se mos de V. S. muito veneradores e criados

Os Redactores.

ANNUNCIO.

Perderam-se os pipinhos-Feijós: quem delles souber, ou dêr noticia, receberá alviçaras.

Typ. de Manoel de Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros n.º 54.

Ainda d'esta vez não aporthei pasta.



Lith. R. da Esperanca N.º 60

UM FURIOZO!!!